



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

2º Semestre 2022

Ciclo I – Luciana de Paula

Ciclo II – Felipe Cireno Teobaldo

Ciclo III – Andrea Bárbara Lopes de Azevedo

Ciclo IV – Gabriela Máira Bichara Cordaro Fernandes

Ciclo V – Juliana Rigonatti Sesti Paz

Ciclo VI – Eduardo Marques Zan

Índice

Ciclo I

Luciana de Paula

O humano tecelão de símbolos: uma reflexão metalinguística 03

Ciclo II

Felipe Cireno Teobaldo

Das unheimliche e classe média: a angústia na geração TikTok 09

Ciclo III

Andrea Bárbara Lopes de Azevedo

A Mãe do Mano: alguns aspectos da função materna e paterna a partir da escuta sobre uma família periférica 16

Ciclo IV

Gabriela Maíra Bichara Cordaro Fernandes

Mas a gente nunca sabe mesmo o que é que quer uma mulher 23

Ciclo V

Juliana Rigonatti Sesti Paz

A coragem do analista 30

Ciclo VI

Eduardo Marques Zan

A psicanálise e a neurociência: ist eine Freundschaft möglich? 38

2º Semestre 2022

Ciclo I

Aluno: Luciana de Paula

Título: O humano tecelão de símbolos: uma reflexão metalinguística

O humano tecelão de símbolos: uma reflexão metalinguística

*“Texto” vem do latim texere (construir, tecer),
cujo particípio passado textus também era
usado como substantivo, e significava
“maneira de tecer”, “coisa tecida”, “tecido” [...]
- Dicionário de etimologia on-line -*

Na ocasião da primeira aula do Ciclo I, uma série de orientações nos foi dada sobre o desenrolar do presente curso de formação em psicanálise. Embora tais explicações tenham ressoado em mim de forma coerente, uma orientação específica me causou certo incômodo: a orientação acerca da escrita do presente trabalho, elemento que, apesar de constituir parte dos requisitos para a aprovação no curso, passa longe do formato avaliativo acadêmico típico de instituições universitárias.

Ainda que eu reconheça a verdadeira intenção por trás de tal afirmação, o desejo de se distanciar do lugar de julgamento e até mesmo tutela ocupado pelo olhar avaliador, inquiridor e demasiadamente objetivo muitas vezes sustentado pelas instituições acadêmicas de formação superior, ainda observo algum desencontro. Na vivência que tive a oportunidade de experimentar, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), na maioria das vezes (se não na totalidade das ocasiões) recebi, de meus professores, uma formação bastante refratária ao já mencionado formato avaliativo acadêmico típico.

Embora vigilante em relação a um método de organização textual e às regras gramaticais de escrita, sempre fui orientada no sentido de sair do labirinto seguindo o *fio de Ariadne*: fruir uma intuição, uma inquietação verdadeira, por mais simples que esta fosse. Fui incentivada a encarar com sinceridade minhas elaborações iniciais e persegui-las na tentativa de, lentamente, ir dando

espaço e desenvolvendo algo como um faro investigativo, uma curiosidade honesta e alegre, um prazer em cada pequena descoberta que, aos poucos, vai se revelando coerente, como a regra por trás da trama em uma obra de tapeçaria. Essa maneira de proceder, conforme a orientação de meus professores, lentamente, conduziria cada um de nós, alunos, na época, a uma escrita um pouco mais original resultante do aprazear-se pelo buscar, refletir, organizar e, finalmente, tecer.

Ainda que o prazer esteja implicado, existe algo mais. A escrita, sem dúvida, exige angústia, erro, reconhecimento, maturidade, recomeço, fôlego dentre outros elementos. Contudo, acredito que a verdadeira lição que meus professores da graduação tentaram me transmitir, em relação à escrita acadêmica, foi o fato de que não há produção valiosa que não parta dos fluídicos fios de Eros, mesmo se, com tal escrita, o objetivo seja criticar ou refutar um pensamento anterior. Às vezes, a escrita acadêmica nos coloca em um campo de batalha e a pluralidade e heterogeneidade de fios evocam a beleza e o incômodo tão característicos do diálogo democrático.

Confesso que, a princípio, essa orientação recebida na graduação me foi bastante complicada. Escrevi muitos textos bem ruins, ingênuos a ponto de inspirar compaixão. Mesmo assim, sempre houve um professor pronto a me orientar, elencando críticas, recomendando leituras e passando algumas horas em seu gabinete, conversando comigo e fornecendo-me indicações de leitura, novos romances e teares. Havia, nesse processo, um encontro: o encontro de um ser humano gentil, a compartilhar aquilo que sabia, com um ser humano, embora um pouco desastrado, ávido em seu desejo pelo conhecimento novo. O professor Mário Bruno Sproviero, que muito dividiu comigo, disse em uma entrevista¹, retomando Freud: “Lembro-me de um exemplo de Freud que diz que educar uma criança é tão difícil quanto conduzir um barco por Sila e Caribdes, evitar o escolho da repressão e também o de deixar a criança entregue a si mesma” (SPROVIERO, LAUAND 1997). Com a escrita acadêmica era semelhante: havia um cuidado no sentido de conduzir o aprendiz pelas vias textuais, prevenindo-o quanto às exigências da forma, alertando em relação ao engano, mas, ao mesmo tempo, estimulando o cultivo de certa independência criativa responsável. Os pontos da tessitura são sempre determinados, mas a sequência de pontos, a imagem e as cores, somos nós quem escolhemos, tentamos harmonizar e respondemos pela obra final.

Depois de algum tempo com esses professores, dos quais a educação/formação que recebi estava profundamente atrelada à escrita acadêmica, compreendi que, para mim, é muito forte a ideia de uma escrita prazerosa, que traz ao pensamento o conforto da forma, a alegria da compreensão, que consola ao dar voz a certas angústias, purgando a tensão. É por essas qualidades

¹ Entrevista mencionada disponível em: www.hottopos.com/mirand3/language.htm acessada em 29/05/2022.

da escrita (e por muitas outras) que o material do qual ela se constitui é tratado como língua materna. O texto, às vezes, resulta em um manto quentinho.

Mesmo tecida pelos fios da língua materna, ressalto, mais uma vez: escrita acadêmica não é só prazer. Muito embora ela tenha seu braço acalentador-consolador, ela também irrita, é ingrata, exige uma coerência além dos instintos, um tempo que não é o do escritor, uma precisão apurada. Às vezes, os fios se embaraçam armando ciladas sem vacilar, jogando na cara do empenhado e por vezes exausto escritor-tecelão suas contradições e suas incoerências de forma nua e crua. Nesse sentido, observo o texto como uma face zombeteira do inconsciente que revela aquilo que há de pior em cada um de nós e que, por algum motivo, nos escapa. Quantas não foram as vezes nas quais eu me assustei e me envergonhei com o que havia escrito. Que suposição ingênua! Que conclusão óbvia e pobre! Que grande contradição! Mesmo assim, foram essas revelações que me fizeram pensar acerca da pessoa que eu era e acerca da pessoa que eu ainda quero ser, em outras palavras, foram essas revelações incômodas que me colocaram, humildemente, em movimento, nas trilhas da experiência humana, no desejo de tentar ser alguém melhor.

Talvez, desse caráter materno e paterno, a constante mais confiável a qual podemos chegar aqui é a de que a escrita acadêmica é intensa, é uma poderosa via de manipulação de energia pelo prazer e pela dor. Fios ásperos e fios macios compõem estrutura sólida e toque agradável.

Hoje, depois de algum percurso no meio acadêmico, no desenvolvimento de pesquisa, reconheço que somente há sentido e fôlego àquilo que fala forte ao coração, seja pelo amor, seja pelo ódio, seja pela potência construtiva, seja pela destrutiva. É somente por isso que a pesquisa faz sentido. “Sem tesão não há tese!”, dizia, em suas aulas, o professor Emerson da Cruz Inácio. Sem tesão não há tese, sem raiva e revolta não há manifesto, sem curiosidade não há artigo científico, sem prazer por pensar não há ensaio e sem desejo de ensinar não há texto pedagógico. Sem as emoções oriundas dos fluxos libidinais, sem entusiasmo e sem intensidade, nada na pesquisa e, portanto, na escrita acadêmica é verdadeiro.

Não estaria, nessa escrita enquanto objeto de amor e de ódio, os mesmos pontos de ancoragem utilizados por Freud para a composição das pulsões de vida e de morte? É interessante observar que a escrita, enquanto objeto pulsional, em certa medida contém as grandezas instintuais. Não sei se compreendi bem, mas acredito que há algo de uma organização especular diante da qual o desejo e seu objeto confundem-se, comungam em identidade, assemelhando-se e anulando suas fronteiras, quase como se, no breve momento da satisfação, desejante e objeto se tonassem unos. Em minha relação com a escrita, acredito que esse é o gozo. Suspeito que deva ser

assim com qualquer objeto pulsional quando este é considerado em profundidade. O tecelão, envolto sob seu manto, adormece.

Nas minhas iniciais trilhas reflexivas em relação a esse gozo através da escrita, um fato específico me chamou muito a atenção: ao participar do encontro *Literatura e Psicanálise: como narrar a si mesmo? Autoficção e outras narrativas auto biográficas*, promovido pelo Centro de Estudos Psicanalíticos, o CEP, no dia 06 de Maio de 2022, observei, com grande entusiasmo, a fala da escritora Giovana Madalosso, que retomava uma ideia de Lobo Antunes para quem “A escrita acontece quando a mão descola da cabeça”.

Mesmo entendendo que Madalosso se referia à escrita literária, ainda assim observo alguma semelhança em relação à escrita acadêmica. Reconheço esse fato na minha experiência que, mesmo com todas as suas exigências e formalidades, conserva um espaço de “ascese inconsciente”. Há um momento no qual não sou eu, não é meu eu que está no controle a ponto de pegar-me pensando “Caramba! Fui eu quem escreveu isso?”. A face zombeteira do inconsciente, novamente, se manifesta e o manto a cobrir o tecelão o envolve como um casulo e reserva a seu autor a surpresa de uma metamorfose.

Não estaria aí, nessa escrita que nos escapa, certa “plenitude” humana de todos nós enquanto seres simbólicos? Na linguagem e, portanto, na escrita, somos tudo, até aquilo que nos escapa, que vem sozinho, não sabemos de onde. Há manifestação inconsciente na medida em que há um pouco de nós em cada gesto, na realidade, creio também que há manifestação inconsciente na medida em que há *algo além de nós* em cada gesto. Mesmo assim o recalque persiste, não como interdição, não como contrariedade, mas enquanto parte integrada à obra, pois, na escrita, na significação, na arte, na representação, há espaço para aquilo que a moral e o tabu condenam. É uma transgressão sem, na realidade, transgredir. Mergulhamos sem medo nas profundezas inconscientes porque, no símbolo, na escrita, o amparo do Édipo permanece. É a totalidade do desejo sem a desconexão da loucura. Temos tudo e o ego se conserva a revelia de uma plenitude que seria aniquilação. Na escrita, no símbolo, na significação, o ego permanece. A escrita é a lei que liberta. O tecelão, liberto de seu casulo, voa com asas de borboleta das quais brotam os próprios fios que se tecem espontaneamente em nuvens e azul.

Escrita, fluxo, movimento, reconhecimento, surpresa, liberdade. Tudo isso só é verdadeiramente intenso se resultante de profundos fluxos de energia vital, de tamanha pulsão que somente aqueles dotados da coragem necessária para arriscar colocarem-se no papel de ingênuos e idealistas são capazes de compreender. Freud foi assim. Por quantas vezes ele não foi apontado, ridicularizado e taxado como objeto de riso vexatório e de escárnio por ousar tratar daquilo que,

apesar de toda moral, todo tabu e de toda limitação intelectual, para ele, era verdadeiro e, para ele, merecia ser materializado em palavras, em escrita e em teoria?

Inspirada e admirada pela coragem de Freud, acredito profundamente que esses fluxos energéticos trabalhados, observados inicialmente, na presente reflexão, em relação à escrita, devam estar por trás de um *movimento maior de compreensão* do ser humano em relação a si mesmo, ao outro e ao meio no qual ele se insere. A esse *movimento*, e a outros elementos que eu ainda não domino, mas que estou ansiosa por aprender, deu-se o feliz nome de psicanálise, a vultuosa tapeçaria de um sábio tecelão voador.

A brevíssima elaboração apresentada anteriormente considerou a escrita acadêmica em sua faceta prazerosa e arredia, reconhecendo, nessa mesma escrita, enquanto objeto pulsional, os elementos das pulsões de vida e de morte. O fato de o objeto conter em si elementos característicos das pulsões levou à suposição de certo caráter especular entre desejante e objeto. Tal identificação nos conduziu à ideia de gozo como um momento no qual a manifestação inconsciente acontece na plenitude da tessitura linguística, obra do ser humano enquanto tecelão de símbolos. Tal revelação é reservada àqueles que, assim como Freud, não se curvam ao discurso dominante da moral e do tabu, mas se entregam à intensidade do desejo que clama por representação, tecelagem e voos.

Finalmente, gostaria apenas de registrar que classificações não fazem muito sentido em relação à escrita quando esta é observada em profundidade e como objeto de pulsão. Por isso, e respeitando a essência humana da contradição, permito-me terminar a presente reflexão sobre a escrita acadêmica com um poema. O poema se chama *Rupestre* e foi escrito na ocasião de uma viagem à cidade de Januária para visitar o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, local que conserva uma belíssima série de pinturas rupestres, primeiras tramas de nossos antepassados simbolizadores.

Rupestre

É por necessidade que o homem simboliza

Risca o carvão em uma pedra e significa

Fazer do mundo parte de sua mente

Criar palavra incessantemente

Magia, linguagem, semente

Humano, palavra, alento,

Sentimento

Pensamento, razão em movimento

Caverna, rocha, expressão, simbolização, livramento

E até hoje falam

Perpetuam sua voz pelo tempo

Tendo por testemunha o firmamento

Lá reside o sentido em desenho

É o signo linguístico, alma humana, no sedimento

Referências

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS – CEP. *Literatura e Psicanálise: como narrar a si mesmo? Autoficção e outras narrativas autobiográficas*. Encontro ocorrido em 06/05/2022.

DE PAULA, Luciana. Rupestre. In: *Januária*. Livreto de poemas publicado de forma independente. São Paulo, 2020.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes, 1915. In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 115-144.

FREUD, Sigmund. Repressão, 1915. In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 145-162.

SPROVIERO, M. B. LAUAND, L. J. *Linguagem e consciência: a voz média*. Disponível em <http://www.hottopos.com/mirand3/language.htm> acessado em 29/05/2022.

2º Semestre 2022

Ciclo II

Aluno: Felipe Cireno Teobaldo

Título: Das unheimliche e classe média: a angústia na geração TikTok

"Unheimlich is the name for everything that ought to have remained secret and hidden but has come to light."

- F. W. J. Schelling

-

Para ler ouvindo: [Liminal Space Music](#)

O inquietante (originalmente, em alemão, Das Unheimliche) é um conceito freudiano que se refere a algo que não é propriamente misterioso mas estranhamente familiar. O inquietante provoca a sensação de angústia, confusão e estranhamento - ou mesmo terror - àquilo que é conhecido. O termo, usado por Freud em 1919, numa perspectiva psicanalítica, já estava presente na obra de E. T. A. Hoffmann (1776), como um conceito da estética. Freud constrói sua abordagem através da ideia do que deveria permanecer oculto, mas que veio à tona como sentimento angustiante.

Quando nos deparamos com esse tipo de desconforto, observações clínicas psicanalíticas notaram que, em geral, a raiz dessa agitação é algo próximo. Aquilo que torna a pessoa inquieta, em geral, está dentro do próprio indivíduo que observa. O estranhamento vem de algo que (re)conhecemos - que recalamos (inibimos do nosso consciente) - e a informação nos retorna na forma de uma sensação esquisita - de angústia diante dessa aparição.

Unheimlich vem de Heim, palavra que significa 'lar' e que introduz uma noção de familiaridade, mas é também raiz da palavra Geheimnis, que pode ser traduzida como 'segredo', no sentido de algo que é da família ou que deve permanecer escondido. Para conseguir compreender a dimensão do inquietante é preciso entender as ambivalências da própria palavra. Sobre elas podemos resumir em 4 pilares.

1- Quando o familiar é a casa, privacidade ou intimidade - e em oposição, o infamiliar está na rua, no exterior, na floresta, no público. 2- Quando o familiar é interpretado como a confiança, proximidade - e o infamiliar é a distância, o segredo e o que provoca desconfiança e recuo. 3- Quando o familiar vive do lado do que permanece oculto, da ignorância do que nos conforta - e o estranho e infamiliar é a revelação perturbadora. 4- Quando o familiar está do lado do vivo e da vida, e o infamiliar do lado do morto e do inumano.

O que Freud e a teoria psicanalítica notaram foi a pendularidade dos significados, eles se instabilizam, mas não criam oposição simples. A sensação de familiaridade é o que preenche de sentido o infamiliar. Sendo assim, a estranheza e o medo são inseparáveis da nossa experiência de conforto.

O conforto na classe média

O desenvolvimento econômico acelerado da sociedade americana após a revolução industrial impulsionou o formato nuclear patriarcal da família, criando uma concentração de capital na classe média e ao redor dela uma cultura de consumo orientada por marcas e mídias de massa. Durante a década de 90, quando computadores começavam seu domínio sobre os lares ocidentais, era comum a guerra simbólica entre marcas - Pepsi vs Coca, Nintendo VS Sega, Mac vs PC marcaram a compreensão de muitas pessoas de sua própria identidade em idade jovem, através de escolhas de produtos.

A organização da classe média pela lógica de produção e consumo é fundamentada na sustentação do sistema capitalista. O conformismo e a normose histórica dessa classe parecem demonstrações de um arquétipo de homem-comum - um desejo coletivo de total integração e aceitação no círculo social ao custo de sua diferença e autenticidade - daqui é possível pensar a importância da psicanálise emprega ao reconhecimento/pertencimento como condição de subjetivação.

A classe média americana ainda valoriza essa integração com ordem do homem comum, reforçando diligência, sobriedade, fidelidade, processo e ordem - apontadas como "as pequenas virtudes do homem burguês" segundo autor David Frum, eixos centrais de valores conservadores e organização da "massa virtuosa".

É possível compreender como a alienação do indivíduo - enquanto sua adaptação irrefletida na norma ou num propósito comum - podem parecer desconfortáveis especialmente para a classe-média.

O perfil da classe média online e suas redes

Nos EUA em 2018 mais de 58% dos adultos estavam na classe média. No Brasil a inclusão social na internet é fato, veio para ficar e transformar o jeito das pessoas se relacionarem. Já são mais de 48,3 milhões de usuários da classe C no Brasil, superando a população digital de países como México e Itália, até mesmo o total de habitantes do Canadá. São pessoas que estão buscando, assistindo conteúdo, comentando e compartilhando informações nos mais variados formatos, canais e dispositivos. Para se ter uma ideia, em menos de uma década, enquanto a população brasileira cresceu 10%, a classe média emergente brasileira cresceu 204%, ultrapassando em mais da metade o número absoluto de pessoas das classes AB.

Essa massa de jovens adultos cresceram na cultura da idealização material da classe média dos anos 90/00 e seguiram para enfrentar uma adolescência de crises, retração econômica e crescente ansiedade global - além da recente pandemia.

De acordo com uma pesquisa, realizada em dezembro com 1.234 entrevistados, o percentual dos que lá no início do período de isolamento social, em abril, diziam acreditar que o mundo iria mudar após a pandemia era de 87%. Para 50% dos ouvidos, àquela altura, essa mudança seria para melhor. Quando indagados qual era a expectativa deles, em dezembro, sobre o futuro, esses índices caíram para 83% e 46%, respectivamente.

No começo, 57% se preocupavam mais com os pais e 33% com o trabalho. Em dezembro esses índices caíram para 46% e 27%, respectivamente.

Essa audiência desconfortável com o futuro e intensamente aderida ao mundo digital hoje produz conteúdos de "social video" e nos recortes geracionais o etário corresponde a pessoas com 25 a 45 anos - que cobrem a geração Z e millennials mais jovens. Essa audiência online da classe média é a maior produtora de conteúdo do planeta - com especial afinidade a rede TikTok e instagram pela sua visualidade e potência narrativa.

Nostalgia e o deslocamento de propósito

A estética conhecida como Espaço Liminar é um local que é uma transição entre dois outros locais, ou estados de ser. Nos últimos 2 anos, apenas no tiktok foram produzidos 1.4 bilhões de post sobre esse assunto/estética.

No conteúdo liminal, espaços estão abandonados ou vazios - um shopping às 4 da manhã ou um corredor de escola sem ninguém. A intimidade com esses espaços comuns faz com que vê-los vazios pareça haver algo incomum e inquietante apesar da familiaridade para nossas mentes.



Fiel à sua etimologia ("liminar" sendo derivado da palavra latina limen, que significa "limiar"), o conceito de espaço liminar engloba espaços físicos que, por sua função, são de natureza transitória - corredores, salas de espera, estacionamentos e paradas para descanso são os exemplos arquetípicos de tais lugares.

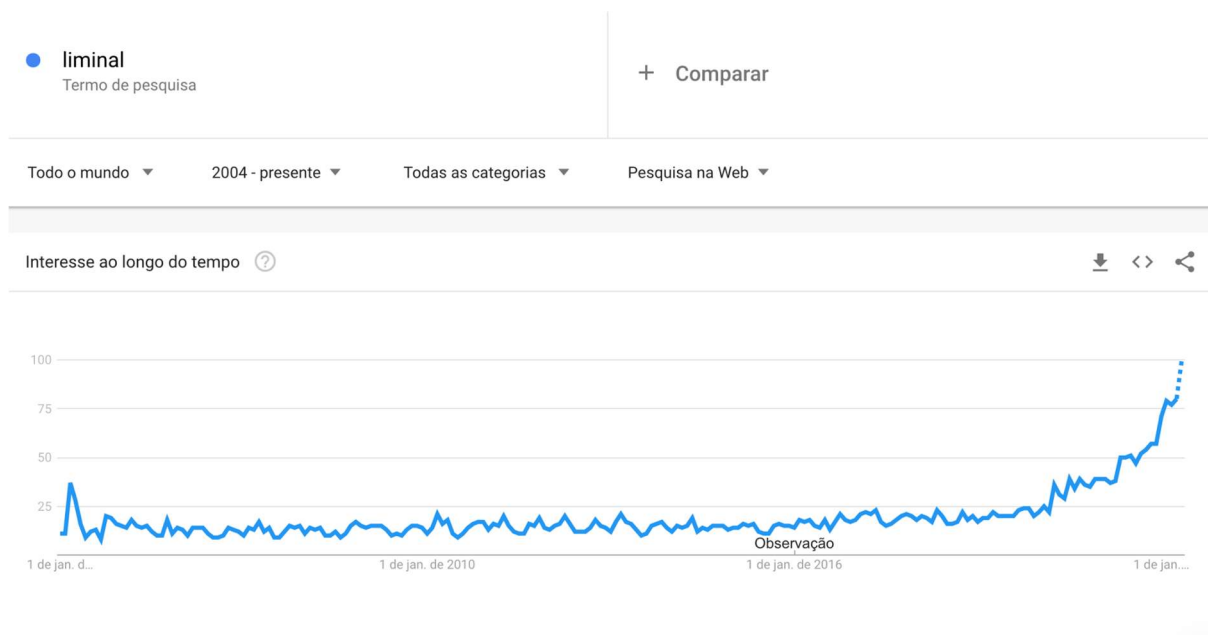


Gráfico mostra o volume de pesquisas no google pela palavra "liminal" em todo o mundo desde 2004. O interesse recente pelo assunto foi impulsionado pela estética liminal.

A estética do espaço liminar está relacionada aos sentimentos únicos de estranheza, nostalgia e apreensão que as pessoas relatam quando são apresentados a esses lugares fora do contexto projetado; mais notavelmente, sua função como pontos intermediários entre origem e destino.

Por exemplo, uma escada vazia ou um corredor de hospital à noite pode parecer sinistro ou estranho, porque esses lugares geralmente estão cheios de vida e movimento - um deslocamento de sentido de um lugar prático que acaba por afetar o eixo central do conforto simbólico da classe média - a previsibilidade e cumprimento de função.

A ausência de estímulos externos (como conversas, pessoas se movimentando ou qualquer tipo de dinamismo) cria uma atmosfera sobrenatural e desamparada por que a função desses espaços é a velocidade, movimento e consumo.

A liminaridade que evoca o desconforto parece agir na angústia de uma massa tentando expressar um descontentamento com o próprio mundo material - shoppings vazios, colégios abandonados e hospitais são pontos centrais dessa estética. Ambientes de constituição do indivíduo da classe média que através dessas imagens de abandono e isolamento metaforizam suas emoções.

Algumas emoções também podem ser vistas como espaços liminares, já que também são eventos transitórios psíquicos - como por exemplo o luto. A estranheza da ausência do que era familiar é um dos pilares da interpretação Freudiana do *unheimlich*.

A familiaridade inquietante publicada na internet vem desses espaços sociais físicos e abandonados de outra década. Nostalgia e deslocamento que ecoa a classe média e seus valores - e para um otimista, poderia ser sinal de um possível luto pela idealização do consumo da década de 90 e busca por novo significado para seu sistema normativo.

Nesse sentido, talvez a explosão de conteúdo online poderia ser vista como um território de arte-terapia para uma massa tentando administrar o custo psíquico de suas memórias e nostálgias versus a ansiedade e desânimo pelo fim do futuro como um fato cultural.

As novas estéticas online e o retorno do infamiliar inquietante.

A grande popularidade do "*unheimlich*" na cultura digital e suas estéticas talvez sejam respostas ao desgastante excesso de informação e a acelerada familiaridade com imagens que a internet está nos oferecendo.

Mas, assim como o familiar e o infamiliar caminham de modo codependente, a anestesia acompanha a estética. A estética (Aesthetic) enquanto campo da sensação e discurso tem sido acompanhada por uma massa anestesiada (Anaesthetic) cada vez menos capaz de atribuir sentido fora do território lógico ou funcional. Perseguições a arte, esvaziamento do valor da cultura e empobrecimento teórico são sintomas da anestesia: berço da estranheza e da angústia, da incapacidade de atribuir significado claro. São também censuras cada vez mais normalizadas pela classe média em discursos políticos conservadores - com o cerceamento da arte e a busca conservadora "pela arte ideal não-degenerada" que flerta com ideais fascistas de padronização social.

Além dos espaços liminais com 1.6 bilhões de posts no tiktok, os Backrooms - subcategoria da estética liminal que foca em salas esquecidas possuem mais 3.5 bilhões de posts. Outras estéticas tangenciam o mesmo sentimento e posicionam esse território do desconforto online como um dos grandes focos da produção de conteúdo dessa geração - a rede sofre com desconforto e angústia.

Espaço liminares e estéticas virais populares em 2022 carregam o Umheimliche no eixo de suas provocações - confusões de atribuição de sentido. A anestesia que nasce do excesso de informação nos dessensibiliza - angústia que forma um estímulo potente para produção de conteúdo e tentativa de elaboração coletiva.

Na luz de uma sociedade cada vez mais crítica ao papel das corporações, e existência de bilionários, talvez esses sejam sintomas de uma classe média em crise com o território de seus valores mais íntimos, talvez, com seu próprio materialismo e virtuosidade pequeno burguesa.

Mais exploração estética da liminaridade/unheimlich contemporâneo:

Playlist: [Liminal Space Music](#)

Vídeos: [Vídeo compilação de imagens da estética Liminal](#)

Painel da Hashtag #liminal do instagram: [Posts sobre Liminal](#)

Painel da Hashtag #backrooms do instagram: [Posts sobre Backrooms](#)

A produção desse texto me inspirou a dividir com outras pessoas essa pesquisa sobre o desconforto e acabei publicando mais de [300 exemplos diferentes de conteúdos e 15 tópicos de estéticas derivadas do unheimlich](#) no meu instagram pessoal.

Referências:

FREUD, S. Totem e Tabu. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990,

FREUD, S. Obras completas - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.

Freud, S.. O infamiliar / Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia. Trad. Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica

Pochmann, M. O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social. Trad Edição Português Marcio P. Boitempo Editorial

Canais no Youtube:

Nightshade: [Weirdcore, Dreamcore, Traumacore - The Age of Internet Aesthetics](#)

Nightshade: [The Dreampools - Overanalyzing Jared Pike](#)

Polygon Donut: [Understanding The Meaning of Weirdcore](#)

Polygon Donut: [The True Meaning of Liminal Spaces](#)

J.J. McCullough: [Middle Class Millennial Nostalgia Art](#)

The Infographics Show: [Backrooms explained](#)

Solar Sands: [Liminal Spaces \(Exploring an Altered Reality\)](#)

2º Semestre 2022

Ciclo III

Aluno: Andrea Bárbara Lopes de Azevedo

Título: A Mãe do Mano: alguns aspectos da função materna e paterna a partir da escuta sobre uma família periférica

“Eu tinha mais medo da minha mãe do que da polícia”, a frase que ouvi do rapper Mano Brown numa entrevista no programa 351 do podcast Podpah me impressionou. Vocalista do Racionais MC’s, o mais relevante grupo de rap nacional, Brown é também figura central na própria produção musical do gênero no país². Por meio de música violenta para tratar de temas violentos³, Brown e seus parceiros no Racionais explicitavam crimes em seus versos e denunciavam a perseguição, o abandono e o assassinado pelo Estado e pelas forças policiais de sujeitos negros habitantes dos bairros periféricos da cidade de São Paulo. Manifestando sempre uma postura contestadora em seus concertos, ainda o grupo ainda exteriorizava imagens da banda em que os membros traziam nas mãos armamento e munição e símbolos que eram associados a crimes. Encarada pela classe média e alta com horror e medo e ignorada pela classe musical e pelas gravadoras renomadas, o rap era tido como uma música pobre tanto pela ausência de melodia quanto pelos temas abordados e pelos sujeitos periféricos envolvidos em sua concepção⁴. Sendo Mano Brown aquele que é referência nacional pela forma como circulou pela periferia, pelos temas violentos abordados, pela associação a concepções tomadas como criminosas e pelo desafio tanto à polícia quanto aos valores e crenças comuns da sociedade, como seria possível que este indivíduo

² Teperman, Ricardo. *Se liga no som: As transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015, p. 65 e ss.

³ Id., *ibid.*, p. 67; Garcia, Walter. “Ouvindo Racionais MC’s”. *Teresa, Revista de Literatura Brasileira*, n. 4, v. 5, São Paulo, p. 166-180, 2004. revista de Literatura Brasileira [4 | 5]; São Paulo, p. 166-180, 2004. O próprio Mano Brown declara sua forma musical da violência contra a violência.

⁴ Para o horror dos conservadores, a palavra rap como é concebida pelos membros do gênero e pelos pesquisadores do tema seria uma sigla de ritmo e poesia. As próprias letras das canções são consideradas poemas e não poucas vezes as batalhas e shows de rappers, bem como sua forma de criação é aludida pelos músicos como “rima”, “fazer rima”, “batalha de rima”. Os músicos do gênero, nesse sentido, seriam herdeiros da poesia e da tradição poética. Cf. Teperman, R. *Se liga..., op. cit.* p.

que parecia estar acima dos temas e medos organizativos e de autoridade compartilhados pela sociedade revelasse um alto temor em relação à sua mãe?

Ainda, me espantou que, na mesma entrevista, a mãe era mencionada também com afeto por Brown. Sabemos com Freud que, no Complexo de Édipo para os meninos, a mãe se revela como o primeiro objeto de investimento libidinal e, por estar apaixonado pela mãe, o menino desenvolve sentimentos de raiva em relação ao pai na tentativa de eliminá-lo e substituí-lo como companheiro da mãe⁵. O Édipo chegaria ao fim pela atuação do pai no complexo de castração. O menino reconheceria na “figura paterna o obstáculo à realização de seus desejos. Abandona o investimento feito na mãe e evolui para uma identificação com o pai”⁶. O resultado da repressão do amor à mãe encerra o Édipo e dá origem ao Supereu, instância que atuará como domínio do Eu e será consciência moral e ética do sujeito. Freud diz que o Supereu conserva o caráter do pai⁷, ele se torna a instância castradora do Eu. O Supereu, responsável pela ética e moralidade do sujeito, encerra em si a severidade do pai⁸ e a ordem do que é socialmente aceito, a autoridade da cultura, da lei, da civilização⁹. Na fala do Brown, sua mãe é apontada como a verdadeira lei, aquela que ele temia, mais que as autoridades policiais, que exercem sabidamente um papel violento e repressor nas periferias brasileiras e, comprovadamente, na periferia paulistana, a qual era lugar de origem e vivência de Brown. Seria a mãe do rapper que teria exercido um papel de castração para o garoto Brown? Quem e como era aquela mãe que exercia temor sobre um músico de periferia que fora associado por muito tempo como o mais importante rapper “do crime”? A visão da mãe autoritária seria resultado de uma vivência singular do Complexo de Édipo?

Acompanhando o Podcast de entrevistas feito pelo próprio Mano Brown, Mano-a-Mano¹⁰, pude ouvir mais revelações de Brown sobre sua mãe e sua família, que anunciavam algo além da sua constituição específica, mas que poderia talvez ser uma constituição de diversas famílias periféricas.

⁵ Freud, Sigmund. “O Eu e o Id (1923)”. In: _____, *Obras completas*, v. 16. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 40 e ss.

⁶ Roudinesco, Elisabeth; Polon, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 168, verbete “Complexo de Édipo”.

⁷ Freud, Sigmund. “O Eu e o Id...”, op. cit., p. 42.

⁸ Id. “A dissolução do complexo de Édipo (1924)”. In: _____. *Obras completas*, v. 16, op. cit., p. 209.

⁹ Roudinesco, Elisabeth; Polon, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 744, verbete “Supereu”.

¹⁰ Mano Brown. “Mano-a-Mano”. *Spotify*, temporadas 1 e 2.

Não são poucas vezes que Mano Brown menciona aos seus entrevistados que era filho único, que não tinha ninguém que o influenciasse, que sempre buscara referências de homens mais velhos na periferia, mas que só sentiu que tinha família com o rap. Filho único, “tinha apenas a mãe”, como declara muitas vezes, nunca tendo conhecido seu pai. Em um dos episódios, ele conta a um convidado que nunca viu o pai, que nem sabe como ele era, que tudo que mãe lhe contara fora que o pai havia visto Brown quando bebê, “olhou, virou, foi embora e nunca mais voltou”¹¹. Donald W. Winnicott em seus estudos apresenta a importância da relação com a mãe ou a figura materna no desenvolvimento do grau de confiança do bebê¹². É a presença da mãe, a constância de seu cuidado em atender às necessidades do bebê que dão forma a confiança que o bebê desenvolverá para se relacionar de forma objetal, bem como o ambiente oferecido pela figura materna e parentais oferecerão as experiências que vão constituir sua personalidade¹³. Apesar de Winnicott dizer da mãe, ele explicita em outros momentos que se refere a quem exerce a função da mãe, que acolhe e cuida do bebê e oferece tanto o contato do colo, quanto o olhar que dará confiança ao bebê pela presença, podendo, portanto, ser exercido tanto pela mãe, pelo pai, pelo genitor, quanto por outros familiares. Ainda que não se saiba sobre a presença desse colo em relação à mãe, quando Brown expõe a ausência do pai, ele declara a ausência desse cuidador, de um colo que lhe desse confiança, anunciando uma marca da sua sensação de abandono, o que, como apresenta Winnicott, marcaria a personalidade de um sujeito. Parece significativo notar a importância dessa narrativa da mãe ao Brown que o guarda como uma marca de um sujeito que foi rejeitado e abandonado pelo pai e não protegido pela mãe deste acontecimento. O colo oferecido pela mãe não teria oferecido o acolhimento capaz de ignorar essa sensação de abandono.

As considerações que fiz sobre a ausência de uma figura masculina, a qual diz Brown, refere-se a uma experiência primária, uma experiência pré-edipiana vivenciada pelo bebê Brown, mas também pode ser experiência que encontramos entre as famílias periféricas, onde os números de mulheres com filhos e chefes de família vivendo sozinhas é significativo, especialmente, entre as mulheres negras. A estrutura familiar da população negra é distinta no Brasil por questões históricas. Florestan Fernandes em seu clássico estudo *A integração do negro na sociedade de classes* argumenta que os indivíduos libertos da escravidão não foram incorporados na nova organização econômica urbana e industrial das cidades, acabando por ocupar trabalhos temporários, precários e rejeitados pela maioria dos trabalhadores, como nos setores de limpeza

¹¹ Idem.

¹² Winnicott, Donald W. “O lugar em que vivemos”. In: _____. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p. 173.

¹³ Id., “A criança no grupo familiar”. In: _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021, p. 155.

pública, de comércio ilegal e de alta periculosidade. Em especial, os homens negros ex-escravizados ocuparam postos desprestigiados, mal remunerados, o que os levou à marginalidade da sociedade, sem poder ocuparem os espaços de chefes de família. Já as mulheres negras ex-escravizadas foram incorporadas na nova ordem urbana segundo Fernandes ao serem aceitas no trabalho doméstico como empregadas de casas da alta classe, cuidando das limpezas e das crianças dessas casas, tornando as mulheres negras as responsáveis economicamente por suas famílias¹⁴. Importante perceber que essa incorporação na ordem urbana não implicava uma incorporação dessas mulheres negras no mercado formal de trabalho, uma vez que as profissões de cuidado e limpeza doméstica somente tiveram proteção e direitos garantidos pela lei de acordo com os padrões do mercado formal de trabalho em 2015¹⁵.

Sobre tal particularidade da formação das famílias negras e periféricas brasileiras, é interessante lembrarmos do estudo de Rita Segato sobre o Édipo Brasileiro. Neste estudo, Segato retoma a disputa entre o antropólogo Bronislaw Malinowski e o psicanalista Ernst Jones sobre as famílias melanésias em que as figuras masculinas não participavam do Édipo como castradoras por não ocuparem funções nas famílias nucleares como economicamente relevantes e atuarem como “irmãos” dos filhos de suas companheiras e aproxima essa experiência às famílias brasileiras que nas altas classes e classes médias brasileira que tiveram em suas estruturas desde a escravidão babás e amas de leite em sua maioria negras que exerciam o papel materno junto às crianças que não haviam parido e que também não teriam interditos de castração ao amor entre os bebês e seus cuidadores¹⁶.

As empregadas domésticas participam na tradição brasileira da vida familiar, sendo, muitas vezes, responsáveis pela criação e educação das crianças de seus patrões, o que ofereceria, portanto, uma triangulação diferente na realização do Complexo de Édipo¹⁷ das crianças dessas famílias de classe média e alta. Teríamos, assim, que as mulheres negras, quando empregadas domésticas ou babás, acabariam por exercer a função materna juntamente com as mães biológicas das crianças, sendo objeto de amor dessas crianças, amor este que não estaria sujeito à castração

¹⁴ Fernandes, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe*. 6a. ed. São Paulo: Contra-Corrente, 2021.

¹⁵ A Lei Complementar 150 de 2015 regulamentou a emenda constitucional n. 72 e ficou conhecida como a PEC das Domésticas. A lei estendeu os direitos trabalhistas aos empregados domésticos como aos demais trabalhadores de carteira assinada.

¹⁶ Um exemplo dessa relação entre as empregadas domésticas e o filho dos seus empregadores teve na cinematografia atual o filme *Que horas ela volta?* em que uma empregada doméstica tem uma relação bastante afetiva com o filho de sua empregadora.

¹⁷ Segato, Rita. “Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça”. *Série Antropologia*, Brasília: UnB, 2006.

Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie400empdf.pdf>

da função paterna, uma vez que não participam do núcleo da relação afetiva e sexual do casal genitor. Em contrapartida, como consequência, tem-se que, em geral, os filhos biológicos dessas empregadas domésticas permanecem em suas casas, sendo cuidados por laços e estruturas de ajuda coletiva da vizinhança dos bairros em que habitam ou por membros da família estendida. Se haveria um Édipo particular das famílias brasileiras das classes abastadas devido à essa manifestação cultural da organização brasileira, também poderia haver um Édipo particular nas famílias negras em que as mães estão a exercer função materna na casa de seus patrões e seus filhos participam de laços de afeto com outros indivíduos exercendo funções maternas e paternas sem interditos castradores. E assim, retornamos a Mano Brown que declara que sua mãe exercia a função de empregada doméstica, trabalhando em diversas casas, estando pouco presente em sua própria casa com Brown criança.

Como vivencia o Complexo de Édipo uma criança que não possui nenhuma figura paterna presente? Freud a centrar sua descrição do complexo no modelo da família patriarcal europeu não nos ajuda. Lacan, no entanto, oferece uma saída para que o Complexo de Édipo possa ser pensado além dos modelos tradicionais de família quando argumenta que não se trata do pai e mãe biológicos, mas das figuras que exercem para a criança a função materna e a função paterna. A função materna seria exercida, portanto, pelo sujeito que cuida do bebê, que o alimenta e protege, que seria o primeiro objeto (subjetivo) que o bebê teria contato. Esse objeto que exerce a função materna é quem o bebê tomaria como objeto de amor no Complexo de Édipo. Sendo fonte de amor, ele é fonte de desejo e fonte de angústia do bebê. No caso de Brown, podemos supor que a mãe é quem exerce a função materna. Em um outro episódio do podcast, Brown revela que o maior medo de sua vida era perder sua mãe, que chegava mesmo a entrar em “estado de pânico”¹⁸ se ela se atrasasse porque começava a fantasiar que algo teria acontecido. Freud explicita em diversas ocasiões que o objeto de amor, é objeto de angústia e que o sujeito sobre apaixonamento tende a paranoia, a fantasiar sobre o que não está ausente, o que nos ajuda a entender o forte vínculo que mantinha Brown com sua mãe.

Entretanto, sabemos também que a mãe de Brown provoca medo, em suas palavras “era braba”, exigia que ele fizesse tarefas em casa, que fosse educado e correto, o que resultava num Brown “tranquilo”, “na dele”, sempre “certinho”, uma figura muito diferente do que poderia se esperar de modo fantasioso do maior rapper “do crime”. Lacan, ao tratar como função, anuncia que função paterna refere-se a qualquer figura que faça a interdição, impeça o sujeito de viver o seu

¹⁸ Mano Brown. “Mano-a-Mano”. *Spotify*, temporadas 1 e 2.

desejo pelo outro da função materna. Se Brown, como outras crianças negras periféricas não tinham uma figura masculina ou paterna em casa, para entendermos esse Édipo, é preciso refletir sobre o que impediria esse sujeito de fundir-se com o primeiro outro a que dedica seu investimento libidinal. Brown não está em meu divã, mas a hipótese que levanto aqui é que o que teria impedido essa fusão com a figura materna teria sido o trabalho de sua mãe como empregada doméstica em outras casas, sendo, provavelmente, o alvo de amor em outros núcleos familiares. O trabalho de sua mãe em outros ambientes talvez impedissem Brown de ter uma vida absoluta com ela, o que poderia levar a que ela se tornasse também para ele a fonte de autoridade maior e exercesse a castração, uma vez que a mãe era a responsável por este trabalho que os separariam. A hipótese é que teríamos aí é que a mãe exerceria essa ambiguidade de amor e temor para Brown, e ainda, talvez, pudéssemos pensar que sua personalidade contestadora e crítica que lhe resultará já na adolescência adentrar grupos de rap, assumir figuras de crime e de revolta com a violência e contra a sociedade, fosse também originada pelo ódio ao mundo desigual e interditor que tirou sua mãe de sua casa o impedindo de vivenciá-la em sua plenitude.

Referências

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe*. 6a. ed. São Paulo: Contra-Corrente, 2021.

FREUD, Sigmund. “O Eu e o Id (1923)”, “A dissolução do complexo de Édipo (1924)”. In: _____, *Obras completas*, v. 16. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GARCIA, Walter. “Ouvindo Racionais MC’s”. *Teresa, Revista de Literatura Brasileira*, n. 4, v. 5, São Paulo, p. 166-180, 2004. *revista de Literatura Brasileira* [4 | 5]; São Paulo, p. 166-180, 2004

ROUDINESCO, Elisabeth; POLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

SEGATO, Rita. “Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça”. *Série Antropologia*, Brasília: UnB, 2006. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie400empdf.pdf>

SPOTIFY (Podcast). Mano Brown em “Mano-a-Mano”. *Spotify*, temporadas 1 e 2.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: As transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015

WINNICOTT, Donald W. “O lugar em que vivemos”. In: _____. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.

WINNICOTT, Donald W. “A criança no grupo familiar”. In: _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021

2º Semestre 2022

Ciclo IV

Aluno: Gabriela Maíra Bichara Cordaro Fernandes

Título: Mas a gente nunca sabe mesmo o que é que quer uma mulher

“Mas a gente nunca sabe mesmo o que é que quer uma mulher”¹⁹

Para nomear este trabalho, tomo emprestado o último verso da canção *“Pecado Original”*, de Caetano Veloso, que recria a pergunta enunciada por Freud.

Pretendo tecer algumas breves considerações sobre a mulher e a psicanálise, sem nenhuma pretensão ou expectativa de esgotar o assunto - que me parece inesgotável como a própria natureza psicanalítica, já que *todo corpo em movimento está cheio de inferno e céu*, como diz a mesma canção.

Como se sabe, a clínica psicanalítica começou do encontro de um homem com algumas mulheres que não sabiam *o lugar certo de colocar o desejo*. Assim, a psicanálise nasce da tentativa de tratamento das mulheres histéricas e suas insatisfações, marcadas por uma época de grande repressão sexual. O recorte cultural e socioeconômico que atravessava essas pacientes era sua estrutura familiar nuclear e burguesa, onde o triângulo mãe, pai e filhos era determinante das relações estabelecidas.

A mulher, nesse contexto, tinha um papel preciso de cuidar e de se responsabilizar pela educação de sua prole. Na lógica familiar burguesa, o lugar que poderia ser ocupado pela mulher era o de esposa e de mãe. Caberia ao pai ordenar simbolicamente a linguagem a partir do Complexo de Édipo e da Angústia de Castração.

Emilce Dio Bleichmar diz que existe um "feminismo espontâneo"²⁰ na histeria, o de quem reivindica a possibilidade de ser mulher sem ser reduzida a um único modelo de feminilidade: a maternidade.

¹⁹ Trecho da canção *“Pecado Original”* de Caetano Veloso

²⁰ BLEICHMAR, Emilce dio. El feminismo espontaneo de la histeria.

Freud, priorizando o lugar da sexualidade no sintoma histérico, deixou outro aspecto que salta aos olhos em seus casos clínicos: essas mulheres encontravam-se insatisfeitas com o papel e o lugar que a sociedade lhes reservava. O protesto histérico trazia também uma reivindicação inconsciente, a liberdade para desejar.

Teríamos, então, o casamento simbólico entre a mulher histérica - e sua eterna insatisfação e alienação do ponto de vista do desejo - com o neurótico obsessivo, que recalaria sua insatisfação, deslocando-a para desejos irrelevantes. Não haveria relação sexual possível, diria Lacan, já que o encontro sexual entre duas pessoas significaria um choque entre dois mundos distintos, que não foram forçados para se complementarem.

Nesse contexto, caberia à mulher, agora esposa e mãe, outrora bruxa e feiticeira, o mito do amor materno e assim ela passaria a ser considerada naturalmente apta para o cuidado.

Freud, a partir de suas investigações com as pacientes histéricas, enuncia a seguinte pergunta crucial para Marie Bonaparte, sua analisanda e discípula diletta, *"O que quer uma mulher?"*. Hoje sabemos que essa pergunta só poderia ser enunciada no plural, já que a questão contemporânea, talvez, seja entender onde ficam as outras múltiplas possibilidades de ser mulher, que não pertencem à estrutura esposa\mãe e que independem do gênero biológico.

Sobre a delicadíssima questão de gênero, Jairo Gerbase, no prefácio do livro *"Homens, Mulheres"* de Colette Soler, afirma:

*"...quando se trata de nossa disciplina, a psicanálise, a disciplina que parte desse lugar chamado por Freud de inconsciente, não há diferença anatômica. Logo, não há diferença de gênero, não há masculino e feminino. Lá no lugar do Outro, a anatomia não é o destino."*²¹

Na passagem do século XIX para o XX, a ideia de que a mulher é mãe é completamente instaurada através do conceito de *Maternalismo*. A priorização do chamado binômio mãe-filho como objeto de preocupação social no mundo ocidental foi um fenômeno amplamente assinalado pela historiografia. Tal priorização defendia a preponderância do papel de mãe para todas as mulheres. A mulher torna-se a responsável pela infância.

Ao atrelar as virtudes da maternidade à natureza feminina, temos um cilada. Se, por um lado encarceramos as mulheres no papel de mãe, por outro aumentamos seu poder através de sua

²¹ SOLER, Colette. *Homens, Mulheres*.

própria iniciativa e participação, com a proteção social e reivindicações feministas quanto aos direitos políticos e sociais das mulheres, sobretudo quanto ao reconhecimento público da maternidade como função social. Nesse contexto, cuidar da infância é cuidar da mulher, mas não se discute o porquê da mulher ser a responsável pela infância.

Voltando à psicanálise, Laplanche e Pontalis afirmam que *“A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”*²². Freud observa que podem coexistir várias identificações, numa pluralidade das pessoas psíquicas. O Eu se constituiria no outro que lhe serve como modelo, construindo-se a partir de um processo histórico. Pela via da identificação, o sujeito toma para si aspectos do outro e do contexto cultural em que se insere.

Desse modo, penso na maternidade compulsória que até há pouquíssimo tempo era caminho óbvio para nós, mulheres. E aqui faço um parêntese para contar da ansiedade que vejo na clínica, quando mulheres entre 35 e 40 anos, que ainda não tiveram filhos, deparam-se com essa questão que gera muita angústia.

A escritora canadense Sheila Heti, autora do livro *“Maternidade”*, radicaliza e enuncia *“Parem de perguntar às mulheres que não têm filhos por que elas não têm”* e afirma que ainda é uma opção muito corajosa decidir não ser mãe.

Voltemos a Freud como forma de colocarmos luz a esse conflito contemporâneo; podemos dizer que sua teoria sobre a sexualidade feminina reforçou a assimilação da feminilidade à maternidade. A maternidade aparece como o único destino desejável e normal para as mulheres.

Para Silvia Alexim Nunes:

*“Ao longo de seu percurso, Freud propôs uma teoria da sexualidade que desvinculou o processo de sexuação de homens e mulheres da anatomia e da biologia e, portanto, de uma perspectiva naturalista e essencialista, tratando-o como um processo de elaboração psíquica. Para Freud, seria a elaboração do complexo de castração que possibilitaria a constituição de uma identidade masculina ou feminina.”*²³

Freud aponta para a existência de três resultados possíveis da passagem das mulheres pela experiência da castração: uma inibição da sexualidade, que levaria à neurose; uma fixação em uma

²² LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.- B. Vocabulário da Psicanálise.

²³ NUNES ALEXIM, Silvia. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar.

posição viril, que negaria a feminilidade, e por fim, a maternidade, como única posição normal e desejável para a mulher. O tornar-se mulher acaba tendo uma espécie de "*vocação libidinal*"²⁴ para a maternidade.

Assim como no livro "Maternidade" supracitado, também o cinema tem lançado diversos olhares que nos ajudam a entender o que hoje querem as mulheres.

No início do ano, o filme "*A filha perdida*", dirigido por Maggie Gyllenhaal, adaptação do romance homônimo de Elena Ferrante, causou furor ao apresentar uma protagonista que se diz "uma mãe desnaturada", uma mãe que não adere à natureza do falacioso instinto materno da era moderna e que foge por três anos deixando as duas filhas aos cuidados paternos, algo bem diferente da perspectiva burguesa da mãe devota. Uma protagonista que viaja sozinha, que tem desejo e que tem a coragem de fazer escolhas ditas "desagráveis". O filme é rico em situações que nos ajudam a responder nos dias de hoje a pergunta elaborada há quase cem anos por Freud à Marie Bonaparte. Num determinado momento, Leda, essa mãe "desnaturada", depois de observar atentamente a relação entre Nina e Elena, mãe e filha de uma família barulhenta que passa as férias no mesmo local que a protagonista, acaba roubando a boneca da menina, situação que gera uma série de tensões e desdobramentos na história. Mas me parece significativo pensar que a boneca carrega em si esse símbolo identificatório da maternidade compulsória, já que é o brinquedo que tradicionalmente se endereça às meninas e que ensina para elas a maternagem. A boneca seria "a filha da filha", que permite à criança elaborar a relação com sua própria figura materna e que também cria a cadeia identificatória do cuidado. Leda quebra esse destino "trágico" das mães quando rouba a boneca de Elena.

Ousaria dizer que há séculos há um pacto tácito em se ter filhos. E, se hoje podemos decidir entre ter filhos ou não, esse pacto continua colocando as mulheres que decidem tê-los num lugar de responsabilidade principal de cuidados com a criança, que é ocupado em cadeia.

A psicanálise há algum tempo fala em *função materna*, uma atividade desempenhada por um adulto que possibilite a estruturação física e psíquica da criança, não precisando ser exercida necessariamente pela mãe, mas podendo ser realizada pelo pai, avó, avô, babá, tia, entre outros. Embora seja um avanço, será que o termo *materno* não nos condiciona a essa "*natureza do instinto materno*"?

²⁴ Termo utilizado por Silvia Nunes Alexim

Nessa perspectiva, Alessandra Affortunati Martins, psicanalista e pesquisadora da Cátedra Edward Saïd/UNIFESP, propõe que o termo cunhado por Winnicott como *“mãe suficientemente boa”* - historicamente relacionado à importância de incluir a falha e desinflamar a mãe de sua onipresença - seja repensado como *“adulto suficientemente bom”*.

Já cientes de que as mulheres não formam um conjunto único, voltemos à pergunta de Freud.

Se para a psicanálise o desejo é o que move o sujeito para a vida, não se pode esquecer que o desejo está atrelado à história emocional de cada um, em um determinado contexto histórico e cultural. Nas últimas décadas, as mulheres passaram a poder transformar sua capacidade desejante em quereres múltiplos. Muito se fala hoje da sobrecarga que vivem as mulheres na contemporaneidade, pois, se a maternidade não é mais compulsória, a labuta da maternagem ainda o é. Se as mães são figuras essenciais para a construção da subjetividade, a lida das mães forma uma linguagem, que deve ser tratada como trabalho, formador de cultura, sob pena de se normatizar o instinto materno e voltarmos ao âmbito da natureza.

Na maioria dos casos, esse trabalho da maternagem, muito caro a nós psicanalistas, pois sabemos o quanto esse interfere na sanidade psíquica do sujeito, depende injustamente de uma única pessoa, a mãe, ainda que seja eventualmente substituída por outras mulheres, nas figuras das babás ou trabalhadoras do lar - base para que a família burguesa possa existir.

Dessa forma, precisamos tornar cada vez mais visível essa situação outrora invisível e nos perguntar se pensar no filho como o falo da mãe não seria uma cilada.

A parentalidade deve ser remodelada, já que mulheres são injustamente prejudicadas pela sobrecarga da maternidade e pela costumeira falta da divisão das tarefas.

Sabemos que não há lugar certo para colocar o desejo, já que esse é inconsciente, mas urge encontrarmos mais tempo e espaço para que as vontades das mulheres possam multiplamente emergir.

Ouso finalizar ponderando que, a meu ver, Freud, se vivo estivesse, atualizaria o destino da mulher contemporânea, pois sua genialidade e sensibilidade não endossariam a situação injusta com que ainda criamos nossas crianças, que desconsidera as múltiplas capacidades e a dimensão psíquica do querer para além da maternidade.

Pecado Original

(Caetano Veloso)

Todo dia, toda noite

Toda hora, toda madrugada

Momento e manhã
Todo mundo, todos os segundos do minuto
Vivem a eternidade da maçã
Tempo da serpente nossa irmã
Sonho de ter uma vida sã
Quando a gente volta
O rosto para o céu
E diz olhos nos olhos da imensidão:
Eu não sou cachorro não!
A gente não sabe o lugar certo
De colocar o desejo
Todo beijo, todo medo
Todo corpo em movimento
Está cheio de inferno e céu
Todo santo, todo canto
Todo pranto, todo manto
Está cheio de inferno e céu
O que fazer com o que DEUS nos deu?
O que foi que nos aconteceu?
Quando a gente volta
O rosto para o céu
E diz olhos nos olhos da imensidão:
Eu não sou cachorro não!
A gente não sabe o lugar certo
De colocar o desejo
Todo homem, todo lobisomem
Sabe a imensidão da fome
Que tem de viver
Todo homem sabe que essa fome
É mesmo grande
Até maior que o medo de morrer
Mas a gente nunca sabe mesmo
Que quer uma mulher

Referências

- AFFORTUNATI MARTINS, Alessandra. Freud entre duas mulheres: implosão do Édipo e conflito de classes. Revista Cult, maio, 2021.
- BLEICHMAR, Emilce dio. El feminismo esponataneo de la histeria - estudio de trastornos narcisistas de la feminidad. DF Méxio: Distribuciones Fontamara, 1997.
- CIXOUS, Hélène. O riso da Medusa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- HETI, Sheila. Maternidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.- B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- NUNES ALEXIM, Silvia. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar.
- SOLER, Colette. Homens, Mulheres. São Paulo: Aller editora, 2021.
- VELOSO, Caetano. Pecado Original, letra e música.

2º Semestre 2022

Ciclo V

Aluno: Juliana Rigonatti Sesti Paz

Título: A coragem do analista

A coragem do analista

5, 4, 3, 2, 1... e salto. Quatro segundos de queda livre até sentir a corda puxar; alívio. Estou viva. Eu volto, mas não a mesma de antes. Três tempos distintos que se complementam: coragem para saltar, para suportar a queda livre e para voltar. Essa foi a experiência do meu salto de bungee jump realizado em 2018 a que fui remetida com a fala da prof. Silvia Paiva, “o lugar do analista não é um lugar que a gente fica, mas um lugar que a gente entra e sai.” Penso nesse lugar que o analista ocupa e nessa coragem de, a cada sessão com cada paciente, saltar. Salto que se transforma em mergulho, convocando o analista a suportar, além dos conteúdos inconscientes do seu analisando, a reverberação desses conteúdos em si próprio e em seu inconsciente.

No bungee jump, a corda – que é elástica – é a esperança na garantia da vida. Para o psicanalista, seria essa corda elástica o símbolo da aposta nos alicerces que fundam e sustentam o seu trabalho? Análise pessoal, estudo da teoria, supervisão clínica e a sua própria relação afetiva com a psicanálise, representam a expectativa do retorno e da segurança do analista? Mas qual a garantia? Retornamos os mesmos?

Na queda livre do salto, a corda não é sentida, assim como em uma análise, onde o mergulho no não-saber se faz necessário. Somente com a coragem de saltar e com a existência da corda é que, assim como no salto, é possível apostar em uma análise.

Me conecto com Freud, com os pós-freudianos e com a própria história da psicanálise quando percebo que a coragem sempre esteve presente nesse percurso, um fenômeno implícito e imprescindível. A vejo como uma das principais características de um psicanalista, não só para sustentar a sua posição, como também, um elemento necessário para o desenvolvimento e ampliação do alcance da psicanálise.

“Eu comecei minha atividade profissional, como um neurologista tentando trazer algum alívio para meus pacientes neuróticos. Sob a influência de um velho amigo, bem como com meus próprios esforços, descobri alguns fatos novos e importantes sobre o inconsciente da vida psíquica, além de um rol de impulsos instintuais e assim por diante. A partir dessa descoberta desenvolveu-se uma nova ciência, a psicanálise (...) um novo método de tratamento das neuroses. *Tive que pagar arduamente por esse pouco de boa sorte. As pessoas não acreditavam em meus fatos e julgavam minhas teorias como repugnantes. A resistência era forte e implacável.*” (Freud)²⁵

Na passagem acima, Freud assinala o cenário hostil em que a psicanálise se desenvolveu e o alto preço que pagou pela sua “boa sorte.” Como uma característica “herdada”, a identificação com a coragem e com o pioneirismo de Freud é um fenômeno que está presente na maioria dos psicanalistas que contribuíram e que contribuem para o desenvolvimento do pensamento e da prática psicanalítica. A cada novo aporte teórico e clínico, a identificação corajosa se impõe, abrindo espaço para uma atualização e ampliação no alcance do método e das técnicas psicanalíticas.

Dei-me conta disso logo no início do primeiro esboço desse texto. Ao buscar a escrita livre – lê-se, permitindo que meu entendimento sobre a psicanálise não esteja completamente pautado em ideias de autores – percebi ali viva nas minhas palavras a questão aqui posta. A primeira frase do texto buscava, de alguma forma, definir algo que não pode ser definido: “se eu pudesse definir a psicanálise em uma palavra, seria coragem...” Mas que maneira covarde de iniciar um texto sobre coragem, pensei. E aqui estava, a olho nu, a questão com que nós psicanalistas precisamos lidar: o indefinido, o incompleto, o não-saber; contraposta a vontade humana de sintetizar. E o que mais necessário do que a coragem para enfrentar e lidar com algo desconhecido? Luís Cláudio Figueiredo destaca “em todos os encontros entre humanos, os inconscientes se encontram, mas nos encontros analíticos, em especial, é disso que se trata fundamentalmente” (p. 32, 2021). Não é fácil interpretar, não é fácil se disponibilizar a receber alguém em sofrimento, diariamente, propondo-se a analisar em prol da saúde mental. A coragem, por mais discreta que seja no processo analítico, merece vir para primeiro plano, merece nossa atenção, pois ela – além dos requisitos já conhecidos – também possibilita o trabalho do analista.

²⁵ Fala de Freud transcrita de um vídeo postado no Instagram da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, no dia 06/05.

As questões aqui postas sobre o tema, permitem a abertura da palavra para duas vertentes, que chamarei aqui de *coragem identificatória subversiva* e *coragem do não-saber*. Para posteriormente desenvolver essas duas ideias, recorrerei a algumas definições importantes para ancorarmos o pensamento.

Freud define a palavra grega *psique* como *alma*²⁶, ou seja, o tratamento psíquico parte da alma (distúrbios anímicos e físicos) e tem a palavra como ferramenta essencial (1890, 2021). Julia Kristeva nos lembra que na psicanálise não existe um “lugar” específico que abriga os afetos, “a psique, cuja localização inutilmente se procura (no coração? Nos humores? No cérebro?), permanece como um enigma irreduzível.” (2002, pg. 9). A autora ainda discorre de uma série de formulações sobre a alma, o corpo e suas relações. Ela sustenta que o indivíduo está vivo por meio da vida psíquica – “intolerável, dolorosa, mortífera ou jubilatória” e é por meio da alma que o sujeito é capaz de agir (Kristeva, 2002, pg. 12). A etimologia da palavra coragem é do latim *coraticum*, bravura que vem de um coração forte. Por sua vez, *coraticum* deriva da raiz *cor* de coração, que adicionado ao sufixo português *agem*, indica ação, atitude. Coragem, portanto, significa ação do coração (Dicionário Etimológico Online). No entendimento popular, o coração é o símbolo e o guardião dos sentimentos e das emoções; expressão da alma. Ora, se a psicanálise é o tratamento da alma e a coragem é o agir com a alma – independentemente de onde ela se localize – não existe tratamento psicanalítico e nem psicanálise sem coragem. Refletindo e estudando sobre o tema, sempre tive a impressão de que a palavra coragem suscita um ser, falar e fazer grandiosos, ligados a expressões e sentimentos ditos nobres, dignos de orgulho. Porém, no meu percurso pessoal e de formação analítica, vivo a coragem como algo ainda mais amplo, que possibilita a expressão e a vivência de tudo que pertence ao humano. A partir de minha leitura, o analista trabalha ancorado em dois fenômenos possibilitam e exigem uma posição corajosa frente aos desafios de uma análise, a *coragem identificatória subversiva* e a *coragem do não-saber*.

Coragem Identificatória Subversiva

Minha identificação com Freud vai além da admiração por sua genialidade e brilhantismo como teórico, clínico e escritor (sabemos que o único prêmio que Freud ganhou na vida foi de literatura). Em minha visão, o maior feito de Freud foi se permitir seguir um caminho novo, no qual

²⁶ Aqui desconsidero as divergências de tradução, e sigo fiel a versão que possuo, das Obras Incompletas de Freud, da editora Autêntica.

suas experiências pessoais formaram a base para suas descobertas. Freud teve a coragem de se deixar afetar por situações desconhecidas e usou sua sensibilidade para investigá-las e explorá-las. Nesse percurso, expôs diversas situações íntimas, se permitiu questionar, trocar, mudar, romper, sempre enfrentando muita desconfiança e descrença. Foi essa coragem de Freud que possibilitou o desenvolvimento da psicanálise.

Esse legado de coragem e subversão foi seguido por analistas contemporâneos a Freud, pelos pós-freudianos e segue nos dias atuais. Lembremos de Ferenczi, com sua elasticidade da técnica na experiência com pacientes não neuróticos; de Melanie Klein, que sem nenhuma formação acadêmica, trouxe importantes colaborações sobre o funcionamento psíquico observados e experimentados no seu atendimento com crianças; em Winnicott e seu olhar para o desenvolvimento humano, destacando a importância do ambiente nesse processo; em Lacan e suas contribuições que desafiaram o sistema institucional da época, permitindo uma primeira abertura e acessibilidade no processo de formação de analistas. Enfim, se olharmos a história, somadas às contribuições teóricas e a clínica, a coragem está presente em todos, mas não só nesses exemplos. Será essa característica um traço de caráter transgeracional inconsciente transmitido entre psicanalistas?

Todas essas experiências precisam ser metabolizadas e elaboradas no que é singular a cada analista, possibilitando uma vivência mais autoral e criativa da psicanálise. Essa capacidade de se permitir afetar pela clínica e pela teoria, somada às suas experiências singulares, criando algo novo e disruptivo no campo psicanalítico, é o que aqui nomeio como *coragem identificatória subversiva*.

Freud nos trouxe pilares e recomendações para nos guiarmos nessa aventura: o método interpretativo e as técnicas básicas, como a escuta flutuante do analista e a associação livre do analisando, entretanto, Freud nunca proporcionou um guia limitador de como exercer a profissão. Nós, analistas da atualidade, precisamos nos conectar com essa coragem herdada e ocupar novos espaços, trazendo essas experiências para o plano da teoria e da prática, adicionando novas rupturas construtivas ao exercício psicanalítico.

A *coragem identificatória subversiva*, então, é essa capacidade do analista de se identificar com o pioneirismo e com a coragem de Freud e através das suas experiências singulares (estudo da teoria, prática clínica, análise pessoal, seus sofrimentos psíquicos, suas vitórias e fracassos), metabolizar e criar algo inovador, portanto, subversivo e criativo no campo psicanalítico. Só assim será possível ampliar a conversa entre psicanalistas com outras áreas de conhecimento geral, permitindo uma aplicação mais ampla do método, necessária a manutenção e atualidade do dispositivo analítico.

A coragem do não-saber

Freud coloca a profissão de analista como uma das profissões impossíveis, junto com o educar e o governar, “em que se tem certeza de antemão do resultado insuficiente” e chama o analista de “pobre coitado.” (Freud, 1937, 2021, p. 356). Nessa mesma frase, Freud coloca a própria análise pessoal do analista como a habilitação ideal e necessária para a profissão, que só poderá ser breve e incompleta, mas útil se trouxer ao conhecimento do futuro analista a convicção da existência do inconsciente. É na sua análise pessoal que o analista vai sentir e vivenciar um tratamento analítico. Gosto muito da definição assustadoramente sincera e impactante da psicanalista Joyce McDougall sobre o objetivo de uma análise. Seu relato visceral sobre o que se vive nesse processo é quase uma não-convocação que intima apenas os corajosos quando pergunta, “quem vai querer?”, vejamos:

O Objetivo de uma análise é o de nos fazer descobrir tudo aquilo que sempre tentamos ignorar, de nos fazer enfrentar tudo o que existe de doloroso e de mais escandaloso no fundo de nós mesmos – não apenas os desejos sexuais proibidos, mas também nossa avidez por tudo o que não possuímos, nossa avareza insuspeitada, nosso narcisismo infantil, nossa agressividade assassina – em resumo, de nos revelar não apenas que “Eu é um outro,” mas também que somos vários, e pior ainda, que o EU é capaz de dissolver-se, deixando em seu lugar uma angústia inominável. Eis a boa colheita de uma análise. Quem vai querer?” (McDougall, 1986, pg. 180).

Esse “pobre coitado”, como define Freud, precisa viver e experimentar essas questões na sua própria análise, tentar adquirir o máximo possível de conhecimento sobre a teoria, técnicas e método psicanalítico para tentar se preparar para algo que exige que ele seja o menos preparado (defendido) possível. Paradoxal, mas é desta maneira que o psicanalista precisa se encontrar para realizar seu ofício. Násio explica que é preciso estudar muito e ser o mais atento ao princípio da técnica para ter a “liberdade de ser o mais inconsciente dos sujeitos, o mais inocente, o mais desarmado, o mais exposto aos efeitos do inconsciente.” (1999, pg. 9).

O não-saber é um lugar conquistado e é produto da relação do sujeito com a psicanálise e com seu tripé de formação. Wilson Franco e Daniel Kuppermann trazem luz a importância da dimensão afetiva do sujeito com a psicanálise nesse processo. Os autores extrapolam o conceito de

enquadre interno²⁷ de André Green e propõe que o objetivo da formação psicanalítica é a instalação desse dispositivo, ou seja, do tripé analítico como condicionante para a consolidação de um enquadre interno. Franco e Kupfermann argumentam que a interiorização desse enquadramento se dá através da angústia gerada por uma quebra entre a teoria e a prática; pela superação do luto das imagos idealizadas no encantamento inicial do sujeito pela psicanálise e por tudo e todos que a representavam no nível consciente (seu psicanalista, textos que lê, autores, mobiliário do consultório, mudanças na vida pessoal etc.). Em suma, quando o analista percebe que a psicanálise não dá conta de tudo e nem de todos, é quando o analista se vê diante da sua impotência perante o desconhecido. Só então ele entra contato com a angústia do não saber (que dá notícias do inconsciente), e conseqüentemente, se conecta com o não saber da psicanálise como um modo de a produzir na sua escuta e na sua sensibilidade (Franco e Kupfermann, 2020). Portanto, é a partir desse enquadre interno pautado na angústia, que o analista tem a possibilidade de exercer o não-saber.

É justamente nesse lugar do não-saber que o psicanalista trabalha. Ao abrir a porta do seu consultório ou ao abrir a câmera do seu computador, este está sujeito a todo e qualquer tipo de afetação e é isso que permite que uma análise aconteça. Como disse Contardo “o exercício de uma terapia dinâmica implica, para o terapeuta, um esforço que beira a insanidade mental e consiste em habitar os porões em que ele encontra suas verdades e, com elas, as verdades de seus pacientes” (Coluna Folha Online, 2003). A *coragem do não-saber* então, é a possibilidade de o analista se colocar de peito aberto, de se deixar afetar pelas experiências vividas em análise provocando aberturas, interpretações e intervenções, a partir desse lugar.

Conclusão

Como disse Freud na continuação da citação do início do trabalho “No fim, eu pude ser bem-sucedido em conquistar seguidores e fundar uma associação psicanalítica internacional. *Mas a luta ainda não terminou.*”²⁸

²⁷ Os autores definem o conceito de Green como a “ideia de que a clínica psicanalítica depende de um enquadre que acolhe e condiciona a implementação do método fundamental – articulação da associação livre do paciente à atenção flutuante do analista...Green, sinaliza que em muitos casos a clínica psicanalítica será possível por conta da interiorização do enquadre por parte do analista. O analista porta consigo o enquadre, encarna o enquadre, e sustenta o processo psicanalítico ainda que este não esteja inscrito nos parâmetros formais de um tratamento psicanalítico” (2020)

²⁸ Fala de Freud transcrita de um vídeo postado no Instagram da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, no dia 06/05.

Concluo este breve ensaio sobre o tema, considerando a coragem não só formada, mas também formadora do trabalho psicanalítico. As duas vertentes da coragem do analista aqui discutidas são produtos de diversas experiências vividas tanto no campo pessoal quanto profissional e convidam os analistas a uma reflexão sobre a existência e importância desses fenômenos. A *coragem identificatória subversiva* é essencial para a ampliação, aplicação e desenvolvimento de uma psicanálise potente, atual, acessível e criativa. Já a *coragem do não-saber* possibilita ao analista uma abertura a uma posição de escuta singular, deixando-se afetar pelo que surgir, utilizando-se das suas experiências psíquicas como ferramenta nesse processo. Esses dois modos de viver a coragem no campo psicanalítico são indissociáveis, pois só com a coragem interna do não saber será possível se identificar com a coragem externa subversiva e vice e versa; uma depende da outra.

A psicanálise é viva e pulsante, provoca movimento, mobiliza sentimentos, afetos, angústias que são singulares a cada sujeito. Assim como é a vida do analista, que se inclina para a compreensão do mundo mental de seus pacientes, não só usando das técnicas e das teorias, e também não apenas dos benefícios de sua análise pessoal, mas principalmente de suas experiências de sofrimento psíquicos pessoais, que muitas vezes também mobilizam e contribuem para o tratamento de seus pacientes. Coloca a própria história não como referência para o paciente, mas como ferramenta psíquica no entendimento do outro, isso sim exige muita dedicação e coragem. Os sofrimentos dos analistas, seus fracassos e suas dores podem valer por anos de teoria, e podem ser usados para se afinar com a dor de seus pacientes e poder junto a estes criar condições de melhora e cura; essa é a grande potência da coragem do analista.

Não se é o mesmo depois de um salto de bungee jump, o próprio ato de saltar já é transformador, e se tudo correr bem, é isso que se espera de uma análise, tanto para o analista quanto para o paciente. Que sigamos tendo coragem de saltar, mergulhar e de nos colocarmos em queda livre, experimentando e nos surpreendendo com todas as sensações que esses movimentos nos despertam.

Referências

Coluna Folha – Ilustrada – Contardo Caligaris. Publicado em 07 de agosto de 2013.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0708200318.htm>

Dicionário Etimológico Online - <https://www.dicionarioetimologico.com.br/coragem/>

FIGUEIREDO, L. C. **A Mente do Analista**. Ed. Escuta. São Paulo, 2021.

FRANCO, Wilson de Albuquerque Cavalcanti; KUPERMANN, Daniel. Um lugar para pensar: uma hipótese sobre o enquadre interno do psicanalista. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 53, n. 99, p. 59-74, dez. 2020. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352020000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 maio 2022.

FREUD, Sigmund. **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte. Autêntica, 2021.

_____, 'Tratamento Psíquico (tratamento anímico),' 1890.

_____, 'Análise Finita e Infinita,' 1937.

KRISTEVA, J. **As Novas Doenças da Alma**. Tradução Joana Angélica D'Ávila Melo, Rio de Janeiro, Rocco Editora, 2002.

MC. DOUGALL, J. **Em Defesa de uma Certa Anormalidade**. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1986

NASIO, J. D. **Como Trabalha um Psicanalista**. Tradução Lucy Magalhaes, Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

2º Semestre 2022

Ciclo VI

Aluno: Eduardo Marques Zan

Título: A psicanálise e a neurociência: ist eine Freundschaft möglich?

*"Se perdi meus dias na volúpia, ah! Divindades, deem-mos de volta,
para que eu os percas novamente!", de La Mettrie.*

INTRODUÇÃO

No início do século XX, a compreensão do psiquismo humano foi revolucionada pela Psicanálise. Sigmund Freud (1856-1939) desenvolveu uma teoria consistente sobre processos mentais inconscientes, o determinismo psíquico, a sexualidade infantil e, talvez o mais importante de tudo, sobre a irracionalidade volitiva humana. Porém, embora o pensamento psicanalítico tenha continuado a progredir, a partir da segunda metade do mesmo século, a Psicanálise foi se distanciando do avanço científico, não desenvolvendo métodos objetivos para testar as brilhantes ideias que Freud formulou anteriormente. Como resultado, ela entra no século XXI com sua influência científica em declínio. (KANDEL, 2012).

Assim, para que a Psicanálise retome seu prestígio e influência na Ciência Psicológica contemporânea, precisará fazer mais do que responder às críticas hostis, mas sim do envolvimento construtivo por parte daqueles que a valorizam e que a privilegiam como uma teoria sofisticada e realista da motivação humana. E o rumo para isso pode ser por meio do desenvolvimento de uma relação próxima com a biologia em geral e mais especificamente com a Neurociência.

Devemos nos lembrar que a premissa acima já era apresentada pelo fundador da Psicanálise. Em seu “Projeto para uma Psicologia Científica” de 1895, Freud afirma que a sua intenção é *eine naturwissenschaftliche Psychologie zu liefern, d. h. psychische Vorgänge darzustellen als quantitativ bestimmte Zustände aufzeigbarer materieller Teile, und sie damit anschaulich und widerspruchsfrei zu machen* (FREUD, 1950 [1895]), ou seja, apresentar uma psicologia que seja ciência natural,

representando os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais demonstráveis, tornando-os claros e livres de contradições (tradução nossa).

Mesmo depois, num período em que já tinha abandonado o apelo positivista de sua época e com sua metapsicologia 'presa' ao paradigma metafísico, Freud não rejeita sua construção teórica, mas afirma que um dia a Psicanálise poder-se-á reestruturar-se pelas descobertas científicas. Elucidativas são para isso, *in verbis*, as seguintes passagens de sua obra:

"[...] muß man sich daran erinnern, daß all unsere psychologischen Vorläufigkeiten einmal auf den Boden organischer Träger gestellt werden sollen." (Zur Einführung des Narzißmus, p. 143-144, 1914).

"[...] é preciso não esquecer que todas as nossas concepções provisórias em psicologia devem ser, um dia, baseadas em alicerces orgânicos." (Introdução ao narcisismo, p. 14, 2010).

"Das Lehrgebäude der Psychoanalyse, das wir geschaffen haben, ist in Wirklichkeit ein Überbau, der irgend einmal auf sein organisches Fundament aufgesetzt werden soll; aber wir kennen dieses noch nicht. (Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, p. 403, 1917).

"O edifício que erguemos da teoria psicanalítica é, na realidade, uma superestrutura, que um dia deverá ser assentado sobre o seu fundamento orgânico; mas este ainda não conhecemos." (Conferências introdutórias à psicanálise; p. 418-419, 2014).

"Die Unbestimmtheit all unserer Erörterungen, die wir metapsychologische heißen, rührt natürlich daher, daß wir nichts über die Natur des Erregungsvorganges in den Elementen der psychischen Systeme wissen und uns zu keiner Annahme darüber berechtigt fühlen. So operieren wir also stets mit einem großen X, welches wir in jede neue Formel mit hinübernehmen." (Jenseits des Lustprinzips, p. 30-31, 1920).

"A vagueza de todas essas nossas discussões, que chamamos de metapsicológicas, vem naturalmente do fato de nada sabermos sobre a natureza do processo excitatório que há nos elementos dos sistemas psíquicos e de não nos sentirmos autorizados a fazer qualquer suposição acerca disso. Então operamos sempre com um grande 'X', que transportamos para toda nova fórmula." (Além do princípio do prazer, p. 142, 2010).

"Dies rührt n ur daher, daß wir genötigt sind, mit den wissenschaftlichen Terminis, das heißt mit der eigenen Bildersprache der Psychologie (richtig: der Tiefenpsychologie) zu arbeiten. Sonst könnten wir die entsprechenden Vorgänge überhaupt nicht beschreiben, ja, würden sie gar nicht wahrgenommen haben. Die Mängel unserer Beschreibung würden wahrscheinlich verschwinden, wenn wir anstatt der psychologischen Termini schon die physiologischen oder chemischen einsetzen könnten." (Jenseits des Lustprinzips, p. 65, 1920).

"Isto se deve a que somos obrigados a trabalhar com os termos científicos, ou seja, com a linguagem figurada própria da psicologia (mais corretamente, da psicologia das profundezas). De outra forma não poderíamos descrever os processos em questão; de fato, não os teríamos sequer percebido. As falhas de nossa descrição provavelmente desapareceriam se já pudéssemos empregar os termos fisiológicos ou químicos, em vez dos psicológicos." (Além do princípio do prazer, p. 168-169, 2010).

Com isso, podemos nos perguntar o que restaria de realidade na Psicanálise atualmente, se toda a sua construção metapsicológica fosse considerada tão somente de caráter metafísico e provisória para Freud, esperando ele a dissolução de todos os processos psíquicos em reações químicas.

Ao longo do desenvolvimento neurocientífico, muitos pensariam que sim, julgando a Psicanálise como hermética, obsoleta, ou no máximo uma expressão artística e filosófica. Porém, para confirmar a genialidade freudiana, mesmo após um século, muitos neurocientistas reconhecem que a Psicanálise ainda representa a mais coerente e intelectualmente satisfatória teoria do psiquismo humano (KANDEL, 2012).

Destarte, ao invés de descansar facilmente sobre os “louros hermenêuticos freudianos”, restringindo minha formação psicanalítica como o exercício de uma “filosofia da mente”, este texto se apresenta como um novo caminho que, em todo seu frescor, desafia a observar a interação rica que pode ocorrer entre a atuação de um Psicanalista com a Neurociência, não como fusão, mas como reconhecimento e parceria.

DESENVOLVIMENTO

Não podemos negar que a maioria dos que procuram a Psicanálise são sujeitos psiquicamente em sofrimento, e que isto está no âmago psicanalítico desde seus primórdios. Igualmente real é como as Neurociências se assentaram na vida cotidiana e na diagnose. Tal assentamento delineia um impasse ao psicanalista contemporâneo: isolar-se ou construir intersecções? A posição que aqui se apresenta é a de uma interlocução e não a de um aprisionamento no conhecimento psicanalítico, muitas vezes recluso em seu “reduto narcísico dos pares”. Principalmente pelo fato de que, de modo inequívoco, o avanço científico trouxe meios de alívio ao sofrimento psíquico dos que também procuram a Análise.

Parece que “o Projeto”, supostamente abandonado por Freud e somente publicado postumamente, se faz não somente atual, mas com pressupostos transubstanciados à atual realidade psicanalítica.

Com isso, dar-vos-ei agora um recorte ilustrativo de como o avanço neurocientífico pode contribuir na compreensão psicanalítica e vice-versa.

Para Müller (2020) é perceptível que apesar da psicopatologia contemporânea apresentar um conjunto nosológico diferente da época de Freud, há um elemento neurológico muito significativo provocado pelo “mal-estar na cultura”: o aumento na produção de cortisol, o hormônio

liberado durante períodos de estresse. O pacto civilizatório fez com que a vida humana seja baseada na repressão dos impulsos filogenéticos. Com tal repressão, a Neurologia identificou que há alterações em três glândulas interconectadas: o hipotálamo, a hipófise e a glândula adrenal, que interagem entre si especialmente no gerenciamento das pressões da vida cotidiana, responsáveis pela produção de cortisol. Pessoas em sofrimento psíquico apresentam níveis anormais de cortisol, o que significa que o estresse cotidiano é sempre esmagador. Psiquicamente, a resiliente capacidade de enfrentamento são prejudicadas; quimicamente, o corpo está sobrecarregado.

Além do cortisol, há duas estruturas do sistema nervoso central que são importantes: a Amígdala e o Hipocampo. A Amígdala cerebelosa é uma glândula que regula o medo e a agressão, uma ferramenta vital para a sobrevivência. Contudo, muitos sujeitos hoje as têm visivelmente menores e até atrofiadas. Quanto menor, mais hiperativa. Isso significa que quando tais pessoas experimentam uma emoção, elas o fazem com mais intensidade, e o período de relaxamento leva muito mais tempo. Já o Hipocampo, associado à memória de longo e curto prazo, orientação espacial e reações emocionais mais importantes; é o processador de dados do corpo. Quando um evento externo é retransmitido através do córtex visual, o hipocampo decide mnemicamente a resposta emocional: abordagem ou fuga/esquiva. Como está em um estado de hiper-excitação contínua, descoordenado e disfuncional, ele envia mensagens anômalas de volta à amígdala. Isso significa uma probabilidade de considerar as outras pessoas e o mundo ao seu redor como ameaçadores, independente da intenção ou a realidade (ANDERSEN & TEICHER, 2004).

De acordo com Teicher & Samson (2016), uma das razões para a atrofia da amígdala e do hipocampo é porque os altos níveis de cortisol corroeram partes delas. Como antes apresentado, o cortisol é liberado em resposta a eventos ambientais estressantes; e, por isso, sob estresse extremo, especialmente experimentado na infância e por longos períodos de tempo, levará a níveis anormais de sua produção.

Com isso não podemos nos furtar de que o avanço neurocientífico faz com que se perceba que as configurações das estruturas psíquicas psicanalíticas se dão não somente por fatores “simbólicos” ou “metafísicos”, mas que os eventos psiquicamente “traumáticos” e/ou “estressantes” infantis “ferem” o sistema nervoso, articulando tais “feridas” químicas à constituição subjetiva do indivíduo.

Para a Neurociência, ainda resta saber se anormalidades neurais são a causa das psicopatologias ou uma consequência de trauma psíquico infantil. E aqui é que a Psicanálise se articula perfeitamente, pois é possível reconhecer na resposta psíquica do fenômeno neurológico acima descrito alguns conceitos basais de Freud.

Segundo Almeida (2018) o setting psicanalítico “provoca” uma significativa mudança hormonal: do aumento para a diminuição do cortisol, na mesma proporção em que há um aumento da ocitocina, hormônio produzido pelo hipotálamo tendo como função, dentre outras, desenvolver apego e empatia entre pessoas, produzir parte do prazer do orgasmo e modular a sensibilidade ao medo (oposto químico exato do cortisol). Estudos demonstram que há um aumento significativo na produção de ocitocina em pessoas sob Análise, mais do que nas que não estão ou que estejam sob outro processo psicoterapêutico.

E isto pode ser explicado pela própria Psicanálise: se analisarmos os chamados “grandes casos” de Freud, percebemos que seu diferencial psicoterapêutico se dá naquilo que se tornou uma das pedras angulares da técnica: a Transferência.

Por Transferência, Freud designou o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam no quadro da relação analítica, ou seja, do paciente para com o psicanalista. Com isso, o manejo psicanalítico parece dotar de uma aliança terapêutica. Tal conceito tem origem na consideração de Freud sobre a necessidade do paciente se ligar positivamente ao terapeuta para que o trabalho analítico possa se desenvolver (GOMES, 2015).

É por meio desta “aliança” com o psicanalista e na relação afetiva com este que será ressignificado no paciente seus traços mnêmicos, e por meio da transferência, novos mecanismos são gerados que “relaxam” o estresse cotidiano, não sendo mais acionado o mecanismo de defesa egóico de regressão/repressão, mas novos arranjos, diminuindo a produção cortisólica, que, por meio da plasticidade neural, pode reestabelecer gradativamente o sistema límbico (principalmente hipocampo e amígdala) numa atuação mais homeostática.

Com isso, a abordagem do psicanalista não é somente a da interpretação das reminiscências inconscientes do paciente, mas age neurologicamente no fortalecimento do registro afetivo, no desenvolvimento da capacidade do paciente em sair do círculo vicioso do estresse cortisólico por meio do amparo ocitacínico.

Ao mesmo tempo, os pressupostos psicanalíticos podem também salvaguardar o sujeito ao pragmatismo cientificista, não como simples oposição, mas sustentando uma escuta psicanalítica em construções contemporâneas, sem que haja um esvaziamento da dimensão simbólica (isto porque o que o psicanalista escuta é o corpo do simbólico, o corpo da linguagem, e não o corpo biológico), numa sensibilidade analítica tão expressiva quanto aquela do pai da Psicanálise ao se colocar na posição de questionar a medicina e a neurologia de sua época, ao mesmo tempo em que ansiava um reconhecimento de sua cientificidade.

Com isso, podemos enveredar que esta linha tênue do caminho psicanalítico, entre a cientificidade e a transgressão, pode ser também analisada sobre um prisma mais profundo, metapsicológico: a do “desejo do analista”, que é a do anseio pelo desenvolvimento da Análise em si.

Reconhece-se que a Psicanálise não é uma escola ataráxica, ou seja, para que haja uma direção da cura, se deve assumir que o analista seja desejante. Logo, o problema é então articular a subjetividade desejante com a objetividade da função chamada de “desejo do analista”. No que tange ao processo terapêutico, este é o grande diferencial e a ética da Psicanálise. Mas como se dá esse “desejo do analista”, frente à Ciência?

Lacan (1991) dizia que a única coisa da qual se pode ser culpado, é de ter cedido ao seu desejo. Nos perguntamos, agora, como delinear os enlaces do desejo se o contextualizarmos à problemática aqui apresentada.

Se podemos dizer que desejo é falta, e que sua satisfação é alimentar a demanda, essa satisfação alude e ilude ao desejo ao mesmo tempo. Alude uma vez que sempre se estará buscando satisfazê-lo, ilude quando nessa tentativa, produz-se respostas que aplacam os conflitos da irrealização através de respostas sublimadas, isto é, o gozo pelo Gozo.

Poderíamos inferir, em certa medida, de que a ortodoxia, e talvez hermeticidade, da Psicanálise rumo a sua transgressão “científica” seria uma espécie de “gozo do Analista”. E digo transgressão pois, ao retomar os questionamentos sobre o mandamento do amor ao próximo, feitos por Freud em “O mal-estar na civilização”, Lacan (1991) estabelece a existência de uma relação essencial entre gozo e Lei.

Ao mesmo tempo em que o sujeito (no caso, o Psicanalista) busca reencontrar a satisfação absoluta (Desejo ‘de’ Analista - narcisismo), é preciso que ele recue frente a este objeto mortífero, já que o gozo absoluto representa a abolição do sujeito. É apenas ao instaurar-se a Lei (Lei Científica) que o gozo se fará possível, como um gozo parcial obtido através de uma transgressão (Ortodoxia psicanalítica).

Com isso, é possível considerar de que para além de uma objetiva e legítima defesa da Ética da Psicanálise, também chamada de “Desejo do Analista”, a reclusão narcísica dos psicanalistas frente ao avanço científico seja a expressão de um “resto” de gozo, ou seja: o “Desejo de Analista”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, podemos perceber que após mais de um século de desenvolvimento da Psicanálise enquanto campo de saber humano, ela permanece sendo a mais coerente teoria do psiquismo, não somente como uma leitura “hermenêutica” dos tratados freudianos, mas com lastros científicos que derrubam por terra os que ainda a julgam hermética e obsoleta ou como um ramo filosófico antropológico.

Do mesmo modo, com as descobertas científicas nos mecanismos neurológicos, cada vez mais é difícil para os psicanalistas ignorarem os avanços do conhecimento neurológico, como também faz com que haja um assentamento científico bem sedimentado para a Psicanálise.

Isto não quer dizer que tais argumentos caminhem para uma nova ciência, “a Neuropsicanálise”, mas apenas demonstram de que apesar das críticas de alguns ramos científicos acerca de uma suposta ineficácia da Psicanálise, bem como na tendência dos psicanalistas em se afirmarem apartados do alegado bio-reducionismo científico, parece ser imprescindível que a Psicanálise se reatualize diante dos inegáveis avanços neurocientíficos.

Não uma reatualização no sentido técnico-metodológico, mas em reconhecer que tanto sua metapsicologia quanto caminhos técnicos podem, em certa medida, serem biologicamente descritos pela Neurociência, algo incompatível na época de Freud, mas que na Contemporaneidade são inquestionáveis, à revelia dos praticantes da Psicanálise.

Com isso, psicanalistas somente tem a ganhar se aprofundarem no estudo e conhecimento dos mecanismos neurológicos que envolvem tanto sua atuação profissional e corpo teórico, quanto no quadro neurológico de seus analisandos, muitas vezes sob diagnose psiquiátrica e uso farmacológico.

Finalizando, não proponho uma revolução científica no seio da Psicanálise, mas em uma *Freundschaft*, uma possível amizade, pois mesmo que seja necessário e basilar que suas raízes axiais se firmem na epistemologia freudiana, isso não quer dizer que não podemos desenvolver ramificações pilíferas, nutrindo-nos no avanço científico neurológico disponível.

Referências

ALMEIDA, Nathália Augusta de. **Desamparo em pacientes com dor lombar crônica: estudo psicanalítico e neurocientífico**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2018.

ANDERSEN, Susan L., TEICHER Martin H. Delayed effects of early stress on hippocampal development. **Neuropsychopharmacology**. v. 29, n. 11, pág. 1988-1993, 2004.

FREUD, Sigmund. Entwurf einer Psychologie. In: **Gesammelte Werke: Texte aus den Jahren 1885 bis 1938**. 1950 [1895].

FREUD, Sigmund. **Zur Einführung des Narzißmus**/GW Bd. X. Frankfurt/M. (Fischer), 1914.

FREUD, Sigmund. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse**. GW Bd. XI. Frankfurt/M. (Fischer), 1917.

FREUD, Sigmund. **Jenseits des lustprinzips**. GW Bd XIII, Frankfurt/M. (Fischer), 1920.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund, **Obras completas, v. 14. [1917-1920]**. trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, Sigmund, **Obras completas, v. 13. [1916-1917]**. trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund, **Obras completas, v. 12. [1914-1916]**. trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMES, Fernando G. Aliança terapêutica e a relação real com o terapeuta. In: EIZIRIK, Cláudio Laks; AGUIAR, Rogério Wolf; Schestatsky, Sidnei S. **Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos**, 3, pág. 238-248. Porto Alegre: Artmed, 2015.

KANDEL, Eric R. Biology and the future of psychoanalysis: A new intellectual framework for psychiatry revisited. **The Psychoanalytic Review**, v. 99, n. 4, pág. 607-644, 2012.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 7: A ética da Psicanálise [1959-1960]**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MÜLLER, Vanessa. Transtorno da Personalidade Borderline e o Cérebro: Tratamentos Inovadores. **VTM Neurodiagnóstico**, 2021. Disponível em: <https://vtmneurodiagnostico.com.br/2020/07/22/transtorno-da-personalidade-borderline-e-o-cerebro-tratamentos-inovadores/>. Acesso em: 25/03/2022.

TEICHER, Martin H., SAMSON, Jacqueline A. Annual research review: enduring neurobiological effects of childhood abuse and neglect. **Journal of child psychology and psychiatry**, v. 57, n. 3, p. 241-266, 2016.